

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

252

INSCRIÇÕES 854-856



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2023

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



EPITÁFIO DE *TIBERINUS*,
PRESBÍTERO MOÇÁRABE DE BEJA

Consta em documento citado por Abel Viana (1946, p. 211) que Francisco de Oliveira, frade dominicano natural de Beja, terá «mandado abrir em lápide» na igreja de Santa Maria, em Beja, onde fora baptizado (Fig. 1), uma inscrição, cujo rasto inteiramente se perdeu.

Ou seja, poderá ter ordenado a execução de uma cópia, a exemplo do que mandara fazer, uns anos antes, em relação a uma outra, romana encontrada em Cuba (ENCARNAÇÃO, 1971-1975: 57-62 e ENCARNAÇÃO, 1984: 410, n.º 334), ou pagou o seu restauro. Tudo isto porque terá percebido a importância que aquele epitáfio tinha para a cidade, atendendo à pessoa que ali era recordada de uma forma muito simples, mas simbólica, cuja história de parte da sua vida aparece associada aos Mártires de Córdoba.

Abel Viana já não encontrou a lápide, mas refere (e cita parcialmente) textos publicados por Umbelino Palma sobre as demolições a que assistiu na década de 90 do século XIX no Palácio dos Infantes, no Mosteiro da Conceição e no Hospício de Santo António, no meio dos quais apresenta algumas referências à Igreja de Santa Maria (VIANA, 1946: 210 a 217). Simultaneamente, deixa entender que, muito provavelmente, o texto referente à Igreja de Santa Maria e ao epitáfio de Tiberino vem citado na nota F presente nas

páginas 75 a 77 do “Catálogo do Sala de Adolpho A. Doria”¹.

O texto epigráfico é fácil de compreender e insere-se perfeitamente no contexto conhecido para a época em que foi feito. A maior dificuldade consiste em decifrar as siglas que Frei Francisco de Oliveira decidiu ajuntar no final. Na citada inscrição de Cuba (Fig. 2), não foi difícil: F(ranciscus) I(osephus) O(liveira) R(efecit) A(nno) D(omini) MDCCXXIV; aqui, porém, algumas siglas mais foram acrescentadas, passíveis de interpretação diversa da que se apresenta:

TIBERI(n)VS PRESBIT(er) SERVVS DEI VIXIT /
AN(nos) LXXXIV (*quattuor et octoginta*) REQVIEVIT IN
PACE D(omini) IDIB(us) / SEPTEMBRI(s) ERA DCC[C]
XCIII / F(ecit) F(ranciscus) O(liveira) P(resbiter?) E(?) V(?)
G(?) H(?) BI(?) Q(?) V(?) R(?) H(?) M(?) P(osuit?) D(onavit)
M/DCCXLIX

Tiberino, presbítero, escravo de Deus, viveu 84 anos. Descansou em paz do Senhor nos idos de Setembro da era de 893 (13 de Setembro de 855). Frei Francisco de Oliveira, presbítero, [...] mandou colocar e doou, em 1749.

Preferimos aqui acrescentar o numeral “C” (100) ao texto apresentado por Abel Viana, porque acreditamos que estaria claramente representado na inscrição, e por se nos apresentar muito difícil que duas pessoas com o mesmo nome, o mesmo cargo religioso, com a mesma idade tivessem falecido exactamente no mesmo dia e mês com cem anos de diferença. Assim, consideramos que se trata de um engano presente no texto que serviu de fonte a Abel Viana.

O texto, de época moçárabe, segue todos os cânones dos chamados “epitáfios paleocristãos”. Apresenta o defunto com um só nome (aquele com que se apresentaria a Deus no dia do

¹ Na nota 67 da página 210, indica que se trata de um texto presente na seguinte obra: “Câmara Municipal de Beja/Repartição da Instrução Pública/2ª Secção/ Museu Archeológico/Catálogo/da/Sala/Adolpho A. Dória/1º Fascículo/(Pesos e Medidas)/Beja/Typ. de ‘O Bejense’/1894”.

Juízo Final), indica o seu posto hierárquico na Igreja, a sua idade e a cronologia exacta do seu falecimento, com indicação de dia, mês e era, como é característico na epigrafia hispânica deste período. A cópia textual que nos foi disponibilizada por Abel Viana, possui no final, como se viu, a referida série de siglas, onde deve ter querido o Padre Francisco de Oliveira completar a sua identificação, com mais alguns dados acerca da sua atitude. Por isso, a exemplo da inscrição de Cuba, R. H. M. P. D. poderia querer significar algo como *refecit hoc monumentum posuit dedicavit* (ou *donavit*, como se propôs); as siglas anteriores poderão ocultar esses dados a seu respeito.

Se dúvidas existissem sobre o nome e a data da morte da pessoa aqui memorada, é o próprio Frei Francisco de Oliveira quem no-las tira quando escreveu, em manuscrito que nunca publicou, mas que existe no Arquivo Histórico de Beja, “*Por este tempo floreceram aqueles santos e sábios bispos de que trataremos em seu próprio lugar. Entam se fundaram os conventos de S. Cucufate e Mújadarem. Entam viviam os veneráveis Taumázio (morto em 667), Severo (584), Tyberino (855, 13 Setembro). Entam se abriram em Beja novas igrejas e tornou o culto divino ao seu antigo estado.*” (PÁSCOA, 2002, II volume: 47). Por isso não hesitámos em transcrever *Tiberi(n)us*, em vez de *Tiberius*, que terá sido, pois, um lapso tipográfico, dada a maior notoriedade do nome *Tiberius*.

Algumas informações importantes poderão ser daqui retiradas. Em primeiro lugar, trata-se de um dos poucos elementos da hierarquia cristã moçárabe conhecidos do nosso território, contemporâneo do também pacense São Sisenando (patrono da cidade) e do possivelmente pacense Santo Elias, encontrando-se em Córdova quando estes foram martirizados. Tiberinus encontrava-se encarcerado numa prisão há já cerca de 20 anos, quando o Diácono Paulo, martirizado no mesmo dia do que Santo Elias, de quem era seguidor, seu companheiro no cárcere, por ele intercedeu salvando-o da morte (PORTO, 1890). Segundo Santo Eulógio, “*Este sacerdote, cuando aún sobresalía por su florentísima juventud [...] fue condenado a una mazmorra subterránea; casi decrépito y consumido por la vejez lo sacaron de allí y finalmente lo entregaron a las cárceles públicas. En éstas los mártires de Cristo vivían hasta la hora de su muerte; en éstas debilitaban*

bajo una estrechísima vigilancia las malvadas osadías de parricidas, homicidas, ladrones y rameras, las temeridades execrables y los reos de crímenes diversos.” (Mem., 1998: 123). San Eulogio añade a continuación: “*Confinado en éstas, el mencionado sacerdote le encomendó la causa de su encarcelamiento al bienaventurado Pablo*”(SAÉZ CASTÁN, 2017: 26 e nota IV)².

Ao contrário do normalmente utilizado *Famulus Dei*, servo de Deus, surge a expressão *Servus Dei*, raramente utilizada na epigrafia cristã, que agudiza ainda mais o sentimento de servidão do defunto. No Cristianismo, seja ele Católico Apostólico Romano ou Ortodoxo, existe uma distinção na utilização das duas fórmulas: *Famulus* é utilizado entre os cristãos ditos “normais”, os designados “servos da casa ou da família”; por seu turno, são designados de *servus* aqueles que estão mais próximos de Deus relativamente a todos os restantes, porque se destacam pelo seu sofrimento em defesa da fé, submetendo-se a todas as agruras imagináveis e não imagináveis. Ou seja, são santos.

Quando abordámos, pela primeira vez, o texto apresentado e as publicações existentes no semanário *O Bejense*, desconhecíamos o motivo por que a população da época (e depois Francisco de Oliveira e outros seus contemporâneos) consideraram *Tiberinus* um santo. Levantavam-se como hipóteses a propecta idade com que faleceu e todas as provações por que passou ao longo de 20 anos de encarceramento por ser cristão. Na realidade, quer na Igreja Católica Apostólica Romana, quer na Igreja Católica Ortodoxa existe uma categoria de santidade que se aplica na perfeição a São Tiberino: ele é um santo Confessor da Fé. Ou

² No texto original, Santo Eulógio deverá ter indicado que *Tiberinus* era presbítero pacense, o que levou a que Jesús Miguel Saéz Cascán escrevesse, erroneamente, que se tratava de um presbítero de Badajoz, reflectindo alguma desinformação. A cidade de Badajoz foi fundada por Ibn Marwan em 892 e apenas passou a ser sede do episcopado pacense (que transitou de Beja, antiga Pax Iulia para Badajoz) em 1230. Desta forma, tendo falecido em 855, nunca *Tiberinus* poderia ter sido um presbítero desta cidade. A confusão insere-se, aliás, na conhecida polémica que situava *Pax Iulia* em Badajoz.

seja, confessor ou confessor da fé é o título concedido pela igreja cristã a santos e beatos que não foram martirizados, mas foram perseguidos e torturados pelo simples motivo de não quererem abandonar a fé cristã. É nesta categoria que podemos enquadrar o presbítero pacense e assim, mais uma vez, se compreende a utilização de *Servus Dei* no epitáfio.

São Tiberino faleceu depois do martírio de São Sisenando (16 de Julho de 851) e antes dos martírios de Elias (lusitano e pacense?), Paulo (que o salvou) e Isidoro (todos no dia 17 de Abril de 856). Apesar de todas as agruras, terá, ao que tudo indica, conseguido regressar à sua cidade natal onde veio a falecer e a ser sepultado, muito provavelmente, na *basilica* (Catedral) cujos alicerces deverão encontrar-se sob a actual Igreja de Santa Maria, onde em tempos se identificou também o epitáfio do presbítero *Severus*, falecido em 584, e uma tampa tumular com a representação de uma enorme cruz, característica das utilizadas nos sarcófagos de bispos, entretanto desaparecida, mas cujo desenho foi comunicado por Castro e Brito à Associação dos Arqueólogos Portugueses e publicado por Abel Viana (1946: 189), que reproduzimos em anexo (Fig. 3). Daqui podemos retirar outra conclusão: pelo menos até finais do segundo terço do século IX, este espaço religioso continuava a ser utilizado por cristãos, não tendo ainda sido transformado em mesquita.

Por fim, é de realçar a forte ligação de Beja a Córdoba, demonstrada na quantidade de personalidades que desempenharam cargos de elevado grau entre a comunidade moçárabe da capital emiral.

Em boa hora, Francisco de Oliveira preservou a memória desta figura ilustre de Beja e Abel Viana nos transmitiu o texto.

Bibliografia:

ENCARNAÇÃO, JOSÉ d', 1971-1975, "Autenticidade em Epigrafia – As inscrições de Cuba e Vila Nova da Baronia", in *Arquivo de Beja* (Revista), Beja, Câmara Municipal de Beja, pp. 57-62.

ENCARNAÇÃO, JOSÉ d', 1984, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PÁSCOA, Marta, 2002, *Fr. Francisco de Oliveira. A escrita da História Regional e Local no século XVIII*, 2 volumes (Texto policopiado). Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PORTO, António Ignacio de Sousa (Dir.), 1890, “Chorographia da Cidade de Beja”, in *O Bejense*, 07 de Julho de 1890.

SAÉZ CASTÁN, Jesús Miguel, 2017, *Los Mártires de Córdoba*, Alicante, Universidad de Alicante.

VIANA, Abel, 1946, “Mosteiro da Conceição e Palácio dos Infantes”, in *Arquivo de Beja*, Beja, Câmara Municipal de Beja, III, p. 161-226.

JORGE FEIO³

³ Arqueólogo. Câmara Municipal de Beja.

—Fr. Francisco de Oliveira que
 foi baptisado nesta igreja mandou
 abrir em lápide a seguinte inscri-
 ção:

- 1=TIBERIVS. PRESBIT. SERVVS.
 DEI. VIXIT.
- 2=AN. LXXXIV. REQVIEVIT. IN.
 PAC. D, IDIB
- 3=SEPTEMBRI. ERA. D. CCXCIII
- 4=F. F. O. P. E. V. G. H. BI. Q. V.
 R. H. M. P. D. M.
- 5=DCCXLIX. (73)

FIG. 1 - Texto de Abel Viana.



FIG. 2 - Inscrição de Cuba.

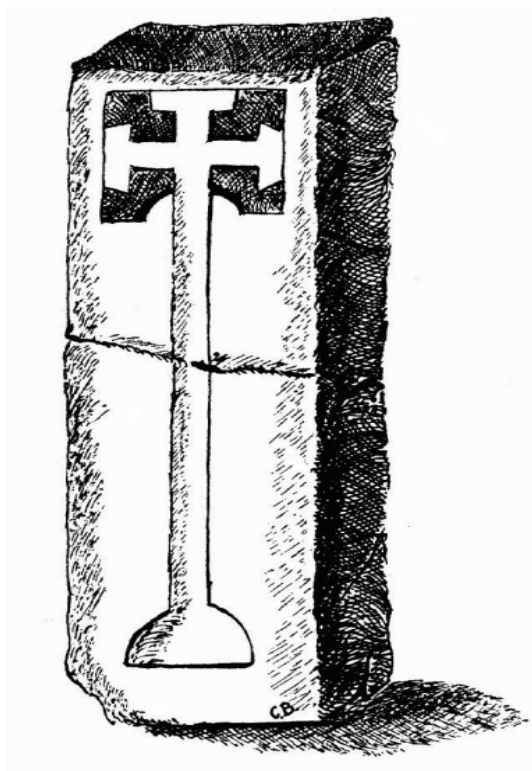


FIG. 3 - Tampa tumular de Bispo da Igreja de Santa Maria.

FRAGMENTO DE *LATER* COM GRAFITO
DA *VILLA* DA RIBEIRA DE PERNES,
SELMES, VIDIGUEIRA
(*Conventus Emeritensis*)

No âmbito de trabalhos arqueológicos de acompanhamento do arranque de olival e transformação do Monte da Cegonha (freguesia de Selmes, concelho de Vidigueira, distrito de Beja), decorridos entre Março e Novembro de 2022¹, foi georreferenciado e recolhido um fragmento de *later* com grafito.

Deveu-se a necessidade de acompanhamento dos trabalhos – arranque de olival, preparação do terreno, abertura de valas para condutas de rega, elaboração de caminhos, drenos e camalhões, com vista à replantação de olival – à elevada sensibilidade patrimonial da área e nível de afectação do que se pretendia levar a cabo, dada a proximidade com sítios de relevo, como a *villa* romana do Monte da Cegonha.

No Portal do Arqueólogo, o sítio referenciado como Ribeira de Pernes (CNS 3467) surge meramente identificado como *villa* do período romano, sendo a sua localização

¹ Os trabalhos de acompanhamento e prospecção foram dirigidos por André Donas Botto e contaram com a participação dos arqueólogos Marco Valente, Fábio Vivas e Andreia Rosa.

duvidosa, conforme mencionado na *Carta Arqueológica da Vidigueira*, com a Ficha de Sítio n.º 73-SL):

«Localizado em pleno olival, numa zona baixa de linha de água encontram-se escassos materiais de construção romanos (*imbrices*) e cerâmica comum, dispersos por uma área de 50 m². A tipologia de sítio atribuída na base de dados do ENDOVÉLICO como *villa* parece duvidosa, dada a escassez de materiais e a qualidade dos mesmos. Não foram encontrados fragmentos de *tegulae*».

Quer-nos parecer, porém, que a referida *villa* da Ribeira de Pernes se encontrará localizada numa outra elevação, não muito longe desta, com abundantes materiais dispersos por uma área de cerca de 32991 m². De facto, observou-se aí, como é natural, nas prospecções efectuadas, a presença de material de construção (*tegulae*, *imbrices*, *lateres*, tijolos de quadrante), *sigillatas* hispânicas e sudgálicas, fragmentos de *anforae* e *dolia*, assim como de abundante cerâmica comum, maioritariamente de cronologias tardo-romanas e medievais. Desse conjunto se destacou o fragmento objecto do presente estudo.

Trata-se de um fragmento de *later*. A pasta apresenta tons alaranjados. Cozedura de tons enegrecidos. O grafito foi executado antes da cozedura: veja-se o tracejado que constituía o I.

Dimensões máximas: (10,5) x (9).

[MAN?]LIO *vel* [MAR]CIO
A Mânlio ou a Márcio.

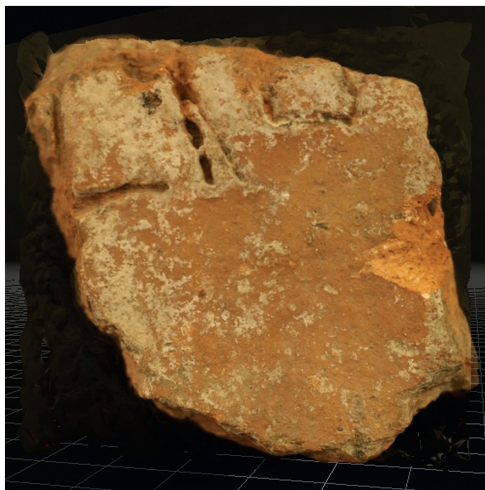
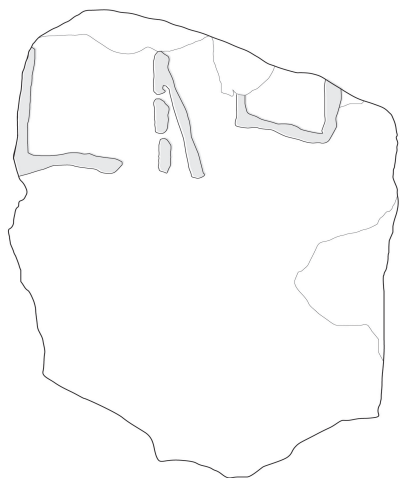
Altura dos caracteres: L ou C = 4,3cm; I = 4 cm; O = 2cm.

Não há elementos susceptíveis de abalizar a possibilidade de uma datação.

ANDRÉ DONAS BOTTO²
MARCO VALENTE³

² Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

³ Membro colaborador do Centro das Arqueologias do Instituto Politécnico de Tomar (CAQ-IPT). Vice-Presidente da ICCIRA (International Cultural and Creative Industries Regulatory Authority).



855

UN FRAGMENTO DE *DIPLOMA* MILITAR ROMANO PROCEDENTE DEL COMERCIO INTERNACIONAL¹

Se trata de un fragmento de bronce de un *diploma* militar de reducidas dimensiones (3,4 x 2,3 x 0,2 cm) que parece corresponder a la parte lateral izquierda del soporte en su cara escrita A de una secuencia de renglones vertical y a la parte inferior de la cara B escrita en sentido contrario a la anterior, es decir en forma paralela al borde inferior. Precisamente es en esta cara donde se halla un trazo continuo inferior que parece indicar que se trata del filete que enmarcaba esta parte del texto del *diploma*.

El texto conservado de la cara A, con letras de 0,5 cm. es el siguiente (fig. 1):

- - - - -
[- - -]S DIMIS
[- - -]MINA
- - - - -

Evidentemente la cara A no presenta dificultades, ya que recoge una fórmula bien conocida en este tipo de documentos que se presenta generalmente en dos renglones consecutivos

¹ Este trabajo ha sido realizado en el marco del Grup d'investigació consolidat LITTERA 2021 SGR 0074 y del programa de Epigrafia de l'IEC.

como en este caso:

[- - -emeriti]s dimis/[sis honesta missione quorum no]
mina[subscripta sunt - - -]

Cara B con letras de 0,6-0,5 cm. (fig. 2):

- - - - -
[- - -]ST TEM+[- - -]
[- - -]VA[- - -]

El texto en este caso parece ser el habitual final de los *diplomata* indicando el lugar de exposición pública del documento de licenciamiento general del que dependen.

En el primer renglón podemos integrar fácilmente: *po]st temp[lum*.

Dada la posición de VA en lo que parece ser el final del texto del *diploma* quizás podamos entender que se trata de la bien conocida y documentada constatación del punto de la exposición en Roma de la matriz original del que depende el diploma e integrar *ad Miner]va*.

Podemos pues pensar que nos hallamos en las dos últimas líneas del diploma donde dividida en dos renglones se hallaría la fórmula: *fixa est Romae in muro post templum divi Aug(usti) ad Minervam*.

Cabe decir, sin embargo, que en la mayoría de los casos la fórmula indica *ad Minervam* sin pérdida de la *m* final, lo que podría comprometer esta interpretación, pero hay que precisar también que se conocen algunos casos en los *diplomata* en los que se produce esta pérdida, lo que nos conduce a pensar que sea esta la restitución aproximada más plausible: *fixa est Romae in muro po]st temp[lum / divi Aug(usti) ad Mi]nerva*.

No tendría sentido cargar esta breve nota de una mayor información y bibliografía, dado lo exiguo del texto presentado, que únicamente viene a añadir un documento más, de origen muy probablemente balcánico, a las ya muy abundantes noticias sobre este tipo de documentos.

MARC MAYER I OLIVÉ²

² Institut d'Estudis Catalans / Universitat de Barcelona



FIG. 1



FIG. 2

855